



ITAPIÚNA: Percepção, paisagem e memória

ITAPIÚNA: Percepción paisaje y memoria

Natércia Martins de Sousa – UECE – Itapipoca – Ceará – Brasil
nata_rcia@hotmail.com

Otávio José lemos Costa - UECE – Fortaleza – Ceará – Brasil
otavio.costa@uece.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender a relação entre paisagem e memória a partir da percepção dos moradores residentes em Itapiúna-CE, considerando a importância de reconhecer os valores de seu patrimônio cultural aqui representados por suas formas simbólicas espaciais. Apesar de não ter destaque no que concerne a uma oficialidade, as paisagens culturais do município de Itapiúna trazem em sua materialidade as dimensões simbólicas que refletem os costumes, as tradições, a história e a cultura de seus moradores. Para a análise do real, buscamos uma prospecção que consistiu em realizar registros fotográficos e a realização de entrevistas com os moradores com o intuito de compreender a percepção entre a paisagem e o patrimônio. A partir da análise dos resultados, podemos aferir como os seus moradores experienciam esta paisagem em um contexto da memória e das práticas de sociabilidade.

Palavras-chave: Geografia cultural; Formas simbólicas espaciais; Patrimônio.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo comprender la relación entre paisaje y memoria desde la percepción de los residentes en Itapiúna-Ce, considerando la importancia de reconocer los valores de su patrimonio cultural representado aquí por sus formas simbólicas espaciales. A pesar de no ser importante en términos de la oficialidad, los paisajes culturales del municipio de Itapiúna tienen en su materialidad las dimensiones simbólicas que reflejan las costumbres, las tradiciones, la historia y la cultura de sus habitantes. Para la investigación de campo, se buscó una perspectiva que consistía en hacer registros fotográficos y la realización de entrevistas con los residentes con el objetivo de conocer la percepción entre el paisaje y el patrimonio. A partir del análisis de los resultados, podemos evaluar cómo sus residentes experimentan este paisaje en un contexto de prácticas de la memoria y la sociabilidad.

Palabras-claves: Geografía cultural; Formas simbólicas espaciales; Patrimônio.

INTRODUÇÃO

A discussão atual que se faz de patrimônio cultural, quer seja em sua materialidade ou imaterialidade, perpassa um caráter interdisciplinar no qual a Geografia, ao se debruçar para

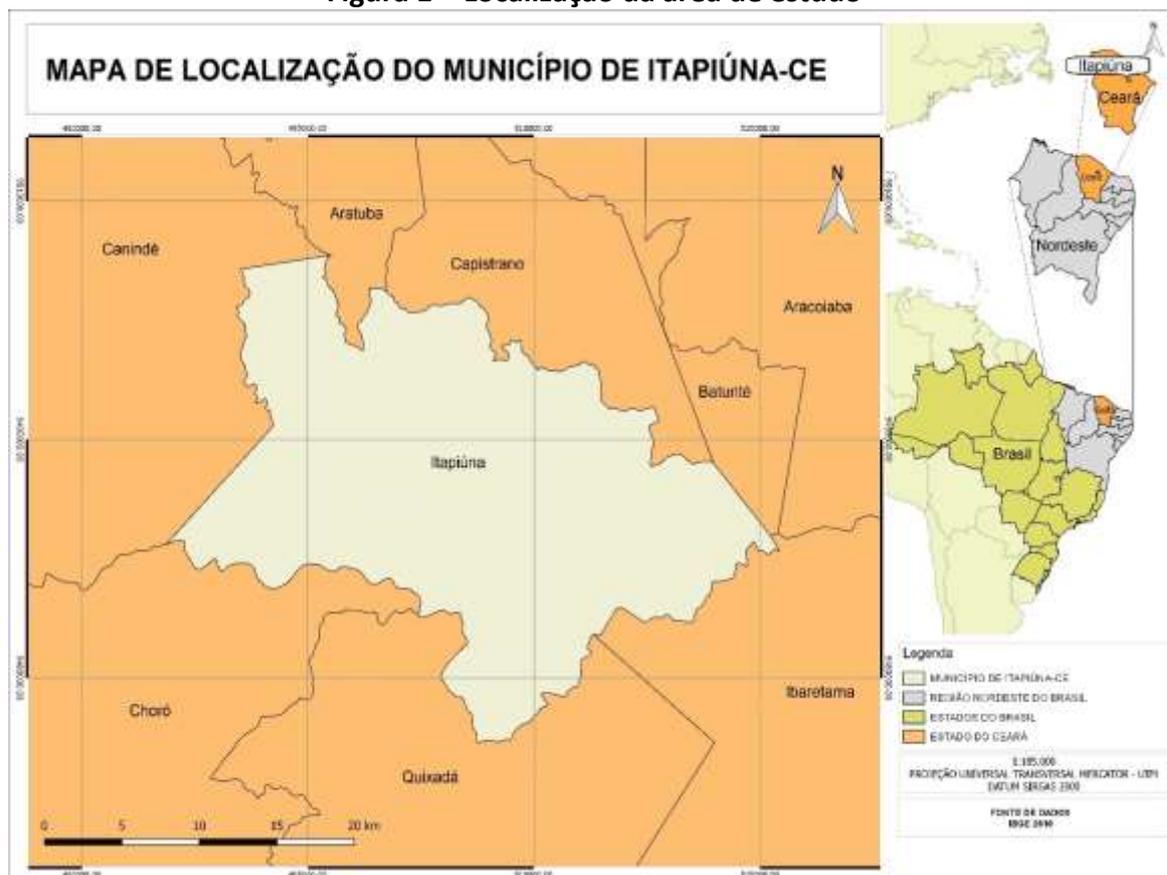
o entendimento da paisagem e dos lugares, encontra no patrimônio elementos que reverberam para uma discussão sobre como as formas simbólicas espaciais estimulam as pessoas que vivem em seu entorno, quer essas formas sejam naturais ou culturais.

Muito se tem falado sobre a importância de se conhecer e preservar o patrimônio histórico de uma sociedade, pois é a partir dele que se pode manter viva a memória e a identidade cultural de um povo, revelando as características e a rica história simbolizada nas diversas paisagens. Esta materialidade da paisagem é resultante das transformações mediadas pelo trabalho humano uma vez que o homem é um agente construtor de paisagens culturais e vem transformando-a ao longo dos anos.

As mudanças acontecem continuamente nas paisagens, entretanto as obras edificadas pelo homem em alguns casos acabam sendo esquecidas por aqueles que desconhecem seu valor cultural. Nesse contexto de transformação é que se percebe que o direito à memória deve ser um direito de todos, sendo preciso reconhecer que não basta a existência do bem patrimonial, mas também entender a importância histórica e da sua proteção para que o acesso de todos esteja garantido.

No contexto do estado do Ceará, observamos que muitas paisagens apresentam uma relevância na dimensão patrimonial, seja através de bens edificadas ou daqueles associados à natureza, e muitas vezes acabam sendo esquecidas ou desvalorizadas. Neste sentido, considerando o aspecto não valorativo dos patrimônios históricos edificadas por parte da população, buscamos compreender neste trabalho como a população percebe o patrimônio que está próximo. No caso, escolhemos o município de Itapiúna, localizado na região do Maciço de Baturité, distante 103 quilômetros da capital cearense, com uma população de 18.626 habitantes (IBGE, 2017). O município é constituído pelos distritos de Caio Prado, Itans, Palmatória e Sede. (Fig. 1)

Figura 1 – Localização da área de estudo



Fonte: Sousa (2018)

O presente texto buscou investigar a percepção dos moradores de Itapiúna, no que se refere ao seu patrimônio histórico e cultural, investigação essa que, por sua vez, se delinea em outras perspectivas, ou seja: identificar as formas simbólicas espaciais existentes no município de Itapiúna e sua relação com os moradores. Nessa análise, buscamos compreender, através de narrativas, como é expressa a memória daqueles que se identificam com as formas simbólicas espaciais no que concerne ao papel desempenhado por elas como na sua própria estrutura física, buscando ainda verificar a importância do patrimônio existente enquanto construção da memória e identidade do lugar. Nesse sentido, adiantamos que a não existência de um sentido de preservar favorece para perda da memória e da identidade de uma sociedade que pode estar materializada nas paisagens. Diante disso, são formulados os seguintes questionamentos: Qual a percepção dos moradores de Itapiúna com relação ao seu patrimônio? Quais mudanças aconteceram no patrimônio arquitetônico de Itapiúna e como essas foram observadas por seus moradores?

ITAPIÚNA: PAISAGEM E MEMÓRIA

O município de Itapiúna, localizado na microrregião do Maciço de Baturité, teve sua formação histórica a partir do momento de elevação à categoria de Vila, ocorrida em 4 de dezembro de 1933, e sua elevação à categoria de município em 20 de maio de 1957. A povoação teve origem à margem do Riacho Castro. Primitivamente chamou-se Castro, topônimo de um grande fazendeiro da época, pois este era proprietário de uma grande faixa de terras no local. (ITAPIÚNA, 2018).

Por volta de 1895, antes mesmo da elevação à vila, o pequeno povoado recebe a passagem da Estrada de Ferro de Baturité, inclusive com a construção de uma pequena estação. Assim, o povoado experimentou apreciável surto de progresso, o que determinou posteriormente que fosse elevado a distrito, pertencente ao município de Baturité. Por volta de 1910, os holandeses que também construíram a referida linha férrea, conseguiram depois mudar o nome do povoado para Itaúna. Em 1957, com a sua emancipação e conseqüentemente o seu desmembramento de Baturité, ocorreu a mudança do seu nome mais uma vez, de Itaúna passou a ser chamada de Itapiúna. A origem desse nome veio do tupi-guarani e tem diversos significados, um deles é “árvore da família das voquisiáceas”, vegetação típica de áreas secas. (ITAPIÚNA, 2018).

Para entendermos a relação entre paisagem e memória no contexto de município de Itapiúna, fundamentamos a discussão do patrimônio cultural enquanto um conjunto de símbolos presentes na paisagem. O patrimônio que é identificado e percebido pelos moradores, aqui identificado não apenas como aquele institucionalizado, o reconhecido por sua importância histórica ou valor arquitetônico, mas também patrimônio que representa a memória do lugar, ou seja, aquele que contém o vernáculo da paisagem, enunciando não apenas a história oficial, ou as paisagens tradicionais.

Assim, vamos entender esse patrimônio a partir das paisagens vernaculares e que, no dizer de Luchiarri (2001), torna-se importantes enquanto valor simbólico e nos permitem identificar um sujeito oculto da paisagem, ou seja, aquele que irá estabelecer relações e práticas de sociabilidade em um contexto das formas materiais aí existentes.

Parece ser estranho, em contexto de paisagens de culturas dominantes ou de uma oficialidade que enaltece as formas patrimoniais ricas por seu acervo arquitetônico, falarmos de uma pequena cidade do Ceará, que aparentemente não se contextualiza nesses

parâmetros. Entendemos aqui serem consideradas paisagens excluídas e que muitas vezes são marginalizadas por não conterem um aspecto estético que as justifique como tal, embora possuam um forte poder simbólico para o lugar. Esse poder simbólico presente na paisagem assenta-se numa ordem lógica e, conforme Maldonato (2001), integra-se a uma linguagem psíquica, torna-se disperso em signos e significados.

Segundo Cosgrove (2004), o termo paisagem surgiu no Renascimento. Naquela época as pessoas estavam mudando a forma de se relacionar com a natureza, dando início a algumas interpretações sobre paisagem. É também nesse período que muitas ciências passavam por transformações, como “a cartografia, a astronomia, a arquitetura, os levantamentos terrestres, a pintura e muitas outras artes” (COSGROVE, 2004, p.98). De acordo com Schier (2003), é nesse momento que o significado de paisagem muda, deixando de ser apenas um objeto de referência espacial ou de observação, sobretudo no contexto cultural e discursivo.

Durante o século XIX, na Alemanha, a paisagem ocupa um lugar de destaque na Geografia. O termo que aparece como *landschaft* no idioma alemão causa confusão ao ser traduzido para outros idiomas e pelo seu significado impreciso (SALGUEIRO, 2001). Dessa forma, a paisagem passa a ser vista como uma palavra de diferentes sentidos, polissêmica; ela, portanto, poderia ser compreendida de acordo com o que o observador a vê.

As discussões sobre o sentido de paisagem são antigas na Geografia, há uma variedade de abordagens sobre o seu significado. No entanto, esses debates sobre esse termo têm como interesse o desejo do pesquisador de entender as relações sociais e naturais existentes no espaço geográfico, ainda que muitas dessas interpretações dependam em muitos casos de influências culturais, econômicas e políticas como afirma Schier (2003).

Apesar das várias definições ao longo dos tempos do termo paisagem, é certo que ele é um objeto de observação e portador de significados diversos. Dessa forma, os habitantes de Itapiúna, ao se relacionar com as paisagens e os bens culturais existentes, têm uma maneira própria de vê-las e percebê-las que muitas vezes faz com que as paisagens passem despercebidas. Nesse sentido, busca-se conhecer de que forma os moradores percebem os patrimônios presentes em seu município, valorizando, assim, a sua história.

Segundo Schier (2003), os geógrafos tradicionalmente costumam definir a paisagem nas seguintes formas: natural e cultural. A primeira definição refere-se aos elementos da natureza no seu sentido original como, os rios, os lagos e a vegetação. Já a segunda, também

conhecida como paisagem humanizada, se refere às modificações humanas e a construção de elementos artificiais como casas, monumentos, praças, igrejas e todas as reproduções sociais. Em Itapiúna muitos desses elementos naturais e culturais foram testemunhas do passado e do desenvolvimento social ao longo dos anos, revelando as características e identidade local.

No período contemporâneo, conforme Luchiarri (2001), as paisagens que foram destruídas e transformadas pelo ser humano, principalmente as áreas naturais, fizeram com que muitos acreditassem numa “morte da paisagem”, de forma que algumas delas por serem destituídas de belezas acabaram sendo esquecidas. No entanto, segundo a autora, esse seria um erro cometido por esses estudiosos, pois as paisagens são apreendidas e modificadas constantemente por diversos fatores como as culturas sociais; logo, a paisagem nunca se esgotará: o desaparecimento de uma paisagem dará início a outra, mesmo que essa se apresente feia aos olhos do homem.

São perceptíveis as constantes transformações com relação as formas construídas em Itapiúna, pois esse município apresenta em seu território uma variedade de espaços que está em contínua transformação, mas é devido, muitas vezes, as diferentes funções das paisagens e as relações socioespaciais que se acaba por valorizar, esteticamente, algumas áreas mais que outras. No entanto, vale lembrar que cada paisagem socialmente construída e modificada tem a sua importância, pois ela representa a memória de um lugar e é carregada de significados. É neste sentido que corroboramos com Sauer (1998 [1925]), quando nos fala das mudanças na paisagem indicando que o homem, como agente modificador, há muito tempo vem alterando o espaço geográfico, marcando e criando formas que refletem as diversas civilizações que passaram pela superfície terrestre.

No âmbito da Geografia, em que o conceito de paisagem é amplamente utilizado, procuramos entender a relação entre paisagem e memória trilhando a perspectiva da geografia cultural (COSTA, 2003). Neste contexto, a paisagem faz parte da realização humana, eivada de um significado pleno no seu sentido fenomenológico. Assim, a relação entre paisagem e memória está assentada na geografia da percepção, bem como na existência de um conjunto de significados que estruturam a paisagem segundo o próprio sujeito nos quais refletem uma composição mental resultante de uma seleção plena de subjetividades.

Observando, portanto, o processo de formação das paisagens em Itapiúna, são relevantes as sucessivas mudanças ocorridas e que ao longo do tempo estabelecem diálogos

dos seus habitantes com as formas construídas, gerando narrativas e percepções nas quais resgatam a memória ou produzem novos valores. Assim, podemos afirmar que a polissemia da paisagem, ao longo dos anos, se mescla com práticas urbanas e se adequa ao tempo presente. Dessa forma, as relações das pessoas com as paisagens têm se diversificado, cada um com sua percepção daquilo que observa e se relaciona.

Compreender a formação das paisagens de Itapiúna – CE, representa bem essas várias dimensões expressadas, além das modificações constantes feitas pela natureza e pela ação antrópica, ela é um produto feito pela ação humana e apresenta uma variedade de símbolos históricos e culturais, como os seus monumentos religiosos que estão presentes desde sua origem no município, deixados como marcas culturais. Portanto, a compreensão de uma paisagem cultural voltada para o município de Itapiúna, permeia a imaginação geográfica cujos propósitos conceituais formam-se nas proposições teóricas que almejam dar relevo à implementação dos fenômenos socioespaciais, quer estejam associados a uma perspectiva da natureza, quer estejam atrelados às práticas simbólicas nas quais os elementos discursivos indicam um processo que envolve a produção de paisagens culturais, de lugares ou territórios simbólicos que ensejam uma construção identitária sempre presente. Torna-se possível, portanto, a partir daquilo que conhecemos como paisagem vernacular, o entendimento das representações do patrimônio em Itapiúna, contextualizado na seara da imaginação geográfica.

Essas marcas culturais ou símbolos históricos revelam a memória de um povo refletida na paisagem, tornando-se fonte de informações valiosas na compreensão do processo de desenvolvimento humano, por isso devem ser conhecidos e preservados. Dessa forma, nota-se a importância de se existir a Educação Patrimonial, por manter viva não apenas a beleza estética do patrimônio, mas também pelo conhecimento histórico desses lugares.

A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE ITAPIÚNA SOBRE A PAISAGEM CONSTRUÍDA

A atenção que se faz ao caráter simbólico das paisagens torna-se uma tarefa, que em um primeiro momento orienta para a criação de uma sistemática de decodificações, decompondo as formas numa série de significados. Entendemos que o simbólico de uma paisagem cultural nos permite também um êxodo conceitual, pelo qual buscaremos uma exegese à luz de outras disciplinas, muito embora a semiologia já tenha afirmado não haver

uma maneira única de ler os símbolos. Assim, construiremos a leitura de elementos que denotam a paisagem construída em Itapiúna, tomando como esteio a perspectiva humanística, que discute categorias tais como paisagem e lugar, categorias estas que se aproximam do indivíduo na perspectiva do familiar, do espaço vivido e mediada por símbolos (TUAN, 1983).

A presente proposição envolve também o dimensionamento das relações entre paisagem e memória, pelas quais vem se transformando a algum tempo, em um campo privilegiado de estudos e pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento. Do ponto de vista das ciências humanas, a História empreende uma discussão mais antiga e conforme Meneses (1999, p. 11) “o campo de problemas a ser descoberto é muito vasto. Apenas para nos atermos ao ângulo da História, poderiam ser apontadas muitas questões cruciais que contam com bibliografia inexistente insatisfatória”.

Antes de apresentarmos o olhar perceptivo dos moradores de Itapiúna, com relação a sua paisagem cultural, é relevante entender os significados que envolvem a palavra percepção. Trazendo as definições apresentadas por Marin (2008, p.206), a palavra vem do latim “perception” e tem uma variedade possível de significados encontrados principalmente nos dicionários, tais como: “... ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo” ou ainda “faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual...”.

Nas contribuições de Soares e Sousa (2011) a respeito de percepção, estes autores afirmam que o homem utiliza vários sentidos para perceber uma paisagem, inicialmente utiliza-se da visão onde ele registra tudo em sua memória e depois naturalmente outros sentidos são ativados, como o olfato que captura os cheiros e odores, o paladar dando sensação de prazer ou desprazer, e a audição, ao ouvir sons. Nesta perspectiva, é através de uma variedade de sentidos e percepções que cada um dos moradores itapiunenses tem uma maneira própria de ver e interpretar as paisagens culturais ou naturais existentes.

Nesse entendimento, as transformações desenvolvidas em determinadas paisagens permitem-nos analisar e compreendê-las tendo como base informações e interpretações dentro de um contexto no qual a cultura estabelece vínculos através das práticas que delineiam as paisagens. Portanto, partimos do entendimento que o vernáculo na paisagem é

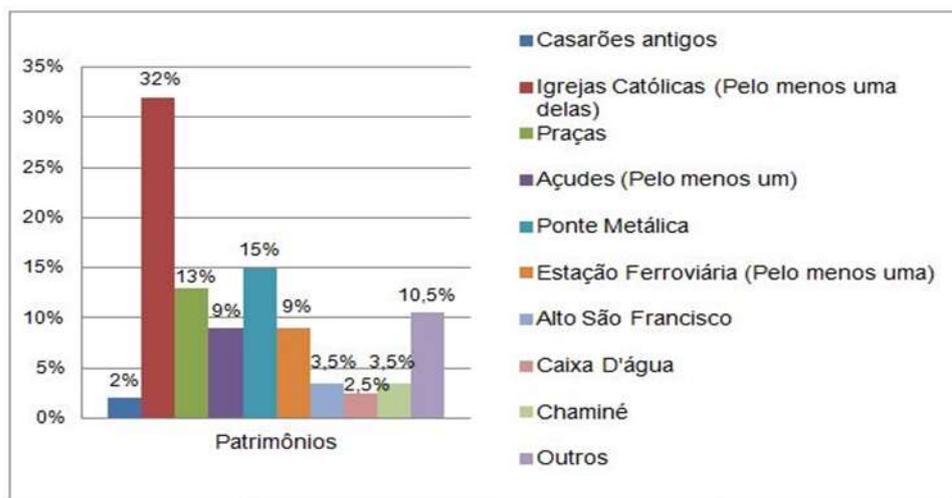
um atributo que diretamente exprime o engajamento do homem no espaço, compreendendo isso como uma apropriação dele.

O olhar para uma paisagem vernacular contextualizada na paisagem sertaneja de Itapiúna, evoca conforme Jackson (1984) as particularidades, onde o familiar serve como um ponto de partida. Acrescenta ainda este autor que “quando nos comprometemos a estudar as paisagens de forma séria, sempre nos deparamos com uma verdade séria, pois mesmo a paisagem mais simples, menos interessante contém elementos que somos incapazes de explicar” (JACKSON, 1984, p. 11). Assim iremos reconhecer uma paisagem vernacular em Itapiúna presente nas formas mais simples, contudo entendendo que não são simplórias. As coisas da paisagem aí representam as coisas do lugar. Neste sentido, abordamos os elementos mais comuns da paisagem ali representados para balizar nossa pesquisa, onde o familiar serviu como ponto de partida para o entendimento do vernáculo.

O olhar para o patrimônio construído em Itapiúna, teve esteio através de uma metodologia operacional de base qualitativa. E para o levantamento das informações utilizamos de entrevistas com moradores que residem nos quatros distritos que compõem o município de Itapiúna-CE: Sede, Itans, Caio Prado e Palmatória. Como cita Godoy (1995), o pesquisador qualitativo tenta compreender os fenômenos a partir das percepções dos participantes envolvidos, em que cada ponto de vista descoberto é importante para se entender o que não é possível ver externamente. Portanto, utilizamos de entrevistas para a coleta de dados na tentativa de captar através das narrativas um imaginário sobre as formas construídas no contexto das formas simbólicas existentes. Para manter o anonimato dos entrevistados utilizamos nomes fictícios.

As entrevistas foram realizadas no mês de fevereiro de 2018, tendo sido entrevistadas quarenta pessoas no total, dez de cada uma das localidades. Esses moradores apresentavam faixa etária entre 16 a 67 anos de idade. Entre as respostas obtidas que explicitaram as formas construídas existentes no município, as mais conhecidas por seus moradores foram: os casarões antigos, templos católicos, praças, açudes, a ponte metálica, estação ferroviária, Alto São Alto São Francisco, Caixa D’água, Chaminé de uma antiga fábrica e outras: escolas, hospitais, postos de saúde, ginásio, cartório (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Os patrimônios mais conhecidos pelos moradores de Itapiúna



Fonte: Sousa (2018)

Com relação ao patrimônio construído, podemos perceber que os templos católicos são os mais lembrados pelos moradores do município. Cada um dos distritos de Itapiúna possui no mínimo uma Igreja. A fé católica parece remeter a imagem dessas formas simbólicas, transmitindo assim uma referência ao mencionar essas edificações, ao contrário dos casarões que mesmo estando presentes no cotidiano, são mencionados apenas por 2% das pessoas entrevistadas.

Foi observado durante as entrevistas, que apesar dos moradores mencionarem muitos aspectos relacionados ao patrimônio do município (estação, ferroviária, caixa d'água, ponte metálica, entre outros) é notório o sentido de preservação e a devida importância que o patrimônio material tem para o município. Muitos conhecem apenas por ouvir falar deles, sendo essas formas materiais pouco exploradas. Esse fato nos faz pensar que em Itapiúna existe uma carência de ações de políticas públicas que estimulem a divulgação, valorização e preservação de seu patrimônio cultural e histórico. O exercício de uma educação patrimonial seria, portanto, um instrumento essencial e que contribuiria para a valorização do patrimônio material e imaterial do lugar, tendo em vista que é por meio destes que as manifestações culturais serão respeitadas e passadas de geração a geração enaltecendo o grupo social e sua identidade. Torna-se, portanto, um exercício de cidadania.

Apesar de terem sido pouco citadas na entrevista, podemos observar que a maioria das casas antigas localizadas no município, ainda trazem elementos de uma arquitetura sertaneja do final do século XIX, os casarões (Figuras 1, 2, 3, 4, 5) ainda são utilizados como

residências embora alguns deles apresentem pouca conservação como podemos observar nas figuras abaixo:

Figura 2 – Antiga residência



Fonte: Sousa (2018)

Figura 3 – Antiga residência



Fonte: Sousa (2018)

Figura 4 – Antiga residência



Fonte: Sousa (2018)

Figura 5 – Antiga residência



Fonte: Sousa (2018)

Para o entrevistado Antônio, ao expressar seu sentimento sobre patrimônio material na sede do município afirma que: “as ruas com suas casas antigas já foram bastante modificadas ao longo do tempo e que houve muita mudança no modelo das casas, nas estruturas e fachadas”, afirmando que deveria ter sido preservada, porém muitas reformas seriam necessárias. Para o morador Bernardo “antes as ruas eram de barro, as calçadas não tinham cimento, tudo de barro mesmo, agora não tem calçamento e asfalto, está tudo mais bonito”. Por essas falas podemos observar, uma certa ambiguidade com relação ao patrimônio material, ora é ressaltada a importância da história urbana quando é indicado a

notoriedade das casas antigas ora é colocado em relevo as mudanças com a chegada do asfalto.

O patrimônio material localizado no distrito de Caio Prado foi transformado ao longo do tempo, no entanto, outras ainda mantêm sua estrutura antiga, como podemos ver pela, (Figura 6) que era a antiga residência do agente da Rede de Viação Cearense (RVC).

Figura 6 – Antiga residência do agente da Rede de Viação Cearense (RVC)



Fonte: Sousa (2018)

No distrito de Palmatória, as residências mais antigas foram modificadas e adaptadas para serem unidades de atendimento à população como posto de saúde, Centro de Referência de Assistência Social, como explica a moradora Célia “Algumas residências antigas se transformaram em Cras, em posto de saúde, porque antigamente não existiam, eles pegavam já as residências que existiam e a transformaram, é uma pena isso ter acontecido pois mostra o descaso com a história de nosso lugar”. Aqui podemos perceber o interesse da moradora pela preservação da memória do distrito. Ainda conforme essa moradora “as mudanças ocorridas ao longo dos anos nos patrimônios de Itapiúna se devem à falta de valorização e de manutenção desses, e que deveriam ser preservados e cuidados por que eles ainda estão lá, mas como não é cuidado acabam se estragando com o tempo”.

Pela narrativa acima, ressaltamos como os saberes vernaculares podem se manifestar como meios que consideram coisas e objetos, mesmo estando ocultos ou indeterminados, desde que não estejam isolados e sejam representações construídas pelas experiências humanas ao longo dos tempos, pois a paisagem pode estar ligada ao vernáculo e as perspectivas que se produz naquilo que se entende como rústico, bucólico e arcaico.

Pelos relatos apresentados nas entrevistas, as mudanças mais significativas aconteceram nos templos católicos sobretudo os mais representativos como a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição localizado na sede do município (Figura 7) e a capela de Nossa Senhora da Assunção, localizada no distrito de Itans (Figura 8).

Identificadas como importantes formas simbólicas que guardam a memória do lugar. Estas construções sofreram alterações e os moradores relataram que quase todas as igrejas católicas do município, à exceção da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, foram ampliadas ao longo dos anos devido ao número de fiéis que foram crescendo com o tempo.

Figura 7 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Sousa (2018)

Entre as formas arquitetônicas mais representativas do município, está a capela de Nossa Senhora da Conceição, localizada no distrito de Itans. Seu restauro foi realizado pela superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (Iphan). Conforme Beserra (2008), ela é uma edificação do século XVIII e marca o processo de colonização no Sertão central.

Os moradores afirmam que esse templo já passou por modificações estruturais, mas que voltou ao seu estilo original em 2015 quando foi restaurada com apoio de pesquisadores e do Iphan do Ceará. A entrevistada Diana relata que “nessa Igreja houve uma ampliação devido ao número cada vez maior de fiéis que iam para os cultos, mas que depois da criação

de seu projeto de tombamento foi que ela retornou as suas dimensões originais, mesmo assim ficou muito bonita, e deve ser preservada do jeito que foi construída”.

Esse patrimônio está em processo de tombamento a nível federal, mas já é tombada pelo município. Emerson, morador de Itans, afirma: “na Igreja de Itans fizeram duas reformas, a primeira que mudou a estrutura original, e uma nova reforma para tentar voltar à estrutura antiga da Igreja...”. Continua “acho que a história do lugar deve ser preservada para que os mais novos possam aprender com seu lugar”. Apesar das mudanças na Capela de Itans parecerem positivas para alguns, outro entrevistado demonstra estar insatisfeito, como pode ser observado na fala de Gilson “na verdade na minha opinião não era pra ter mexido na igreja, pois ela voltou o tamanho original que era, mas com outros materiais, ela não é mais como a origem que ela era, hoje nós podemos considerar ela uma capela nova, toda feita com um material moderno.”

Figura 8 – Capela de Nossa Senhora da Assunção - Itans



Fonte: Sousa (2018)

Na fala de Gilson deixa transparecer que a utilização de novos materiais na restauração faz dela uma nova igreja, “guardo em minha residência uma telha antiga da igreja para recordar”. No entanto, Francisco reconhece que essa restauração veio para reavivar a importância desse patrimônio cultural da localidade que se encontrava esquecida. “As pessoas, eu não sei se por ignorância, não souberam valorizar, foram deixando a história

morrer, se não fosse esse rapaz que tivesse vindo fazer esses estudos para resgatar, estava tudo esquecido”.

O forte sentimento de religiosidade dos itapiunenses é revelado também pela existência de alguns monumentos católicos construídos no município. Um monumento relacionado a essa religiosidade local e que foi muito citado nas entrevistas está relacionado ao Alto São Francisco (Figura 9). A cidade de Itapiúna é rota de romeiros que se dirigem ao santuário franciscano de São Francisco das Chagas, localizado na cidade de Canindé. Esses romeiros costumavam ter como parada principal a cidade de Itapiúna, devido à proximidade das duas cidades (FREITAS, 2007). Para homenagear a passagem dos romeiros foi erigido um monumento, denominado de Alto São Francisco, que fica próximo à igreja matriz.

Figura 9 – Monumento à São Francisco de Assis



Fonte: Sousa (2018)

Com relação a essa forma simbólica, um morador afirma que as pessoas mantêm o respeito e conhecem a importância quanto este símbolo religioso, no entanto, outros acabam desrespeitando o lugar sagrado, marcando encontros para namoro. Na percepção do entrevistado, as pessoas mais antigas sempre são as que se preocupam mais com esses patrimônios culturais.

Nas proximidades do Alto São Francisco, estava localizada a antiga estação ferroviária de Itaúna (Figura 10) inaugurada em 1891, com o passar dos anos seu nome foi alterado para Itapiúna. O prédio atual está sem funcionamento em razão da desativação da estrada de Ferro que antigamente ligava Fortaleza à cidade de Baturité. Além desta, outra estação ferroviária localizada no distrito de Caio Prado também está desativada.

Após várias reformas e com um estilo que remonta a década de 1950 a estação ferroviária de Itapiúna (Figura 11) nada nos lembra a antiga estação de Itaúna. As formas rígidas e frias, escondem não apenas um estilo arquitetônico bem como a memória do lugar. A dificuldade para pensar a memória quando lugares são refuncionalizados podem ser observados na fala do morador Francisco “eu acho que não tem aqui na sede patrimônios abandonados, mas que se transformaram em outra coisa, tipo a estação, não é mais uma estação é um ponto de restaurante.”

Figura 10 – Estação Ferroviária Itaúna



Fonte: Autor desconhecido

Figura 11 – Estação Ferroviária de Itapiúna



Fonte: Sousa (2021)

No distrito de Caio Prado, apesar do abandono, a antiga estação ferroviária ainda guarda os traços do prédio original (Figuras 12 e 13). Inaugurada em 1890, recebeu inicialmente o nome de Cangaty, sendo depois alterado para Caio Prado (BRASIL, 2012). Conforme um morador local, a estação de trem “foi muito importante para o lugar, por muitos anos foi fonte de renda por conta do trem que dava acesso de Fortaleza a Crato. Tinha muita gente por aqui que criou os filhos vendendo doce, mel e cocada. Eu não sei por que acabaram com esse prédio”.

Figura 12 – Estação de *Cangaty*, inaugurada em 1890- Caio Prado



Fonte: Brasil (2012)

Figura 13 – Estação de Caio Prado



Fonte: Sousa (2021)

Através dos relatos feitos através das entrevistas é revelado a importância que a estação de Caio Prado teve para seus moradores. Em suas falas muitos afirmavam que gostaria de ver esse patrimônio restaurado e apropriado pela comunidade. O morador Luís, reconhece a importante função desse patrimônio no passado, pois como ele afirma, “além de transportar as mercadorias, esse era o local de vendas simples, onde várias famílias conseguiam dinheiro para sustentar suas famílias”.

Ainda no distrito de Caio Prado, existe outra forma simbólica espacial que chama atenção dos moradores. É a ponte ferroviária da antiga Rede Ferroviária Federal (Figuras 14 e 15), construída em 1892 para muitos é um ponto turístico do lugar. A ponte de Caio Prado fica sobre o Rio Choró.

Figura 14 – Ponte ferroviária de Caio Prado



Fonte: Sousa (2018)

Figura 15 – Ponte ferroviária de Caio Prado



Fonte: Sousa (2018)

Atualmente, com a desativação da estrada de ferro, a ponte é utilizada para travessia dos moradores em períodos de cheias do Rio Choró, como diz o morador Luís ao comentar

sobre este patrimônio arquitetônico informa que “a ponte está sendo utilizada quando o rio tá cheio, as pessoas não têm outro local se não a ponte para passar por cima para fazer um enterro, para ir para seus roçados.” A maioria dos entrevistados afirma ser importante preservar os bens arquitetônicos, pois trazem consigo a memória do lugar assim expressada pela moradora Helena “é uma relíquia que todos devem conhecer, os mais velhos conhecem e os mais novos devem conhecer, é um pedaço da história do nosso local”.

É bem verdade que, ao se preservar os patrimônios históricos, está garantindo às futuras gerações a apropriação desses lugares e a identificar, através deles, os momentos importantes do passado de Itapiúna. Sendo assim, a Educação Patrimonial é uma ação educativa necessária para a valorização e proteção dos bens culturais deste município, pois entender as transformações que ocorreram ao longo do tempo é poder enxergar o presente de uma forma diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olharmos para a paisagem em Itapiúna, identificamos a presença de marcas repletas de elementos simbólicos eivados de significados, apesar de muito dessa herança estar abandonada e esquecida pelas pessoas. Aqui entendemos que os patrimônios presentes nas paisagens das comunidades são revestidos de valores únicos e particulares, são também lugares de memória que trazem sentidos aos indivíduos e grupos.

Assim, a paisagem vernacular representada através das formas simbólicas espaciais presentes em Itapiúna atesta a relação que os moradores mantêm com o lugar, expressando a sua formação e continuidade, mantidas através de práticas culturais que podem ser representadas por exemplo, através de singelas construções, presentes tanto na sede como nos povoados rurais. Cada um dos exemplos apresentados no texto apresentam uma variedade de elementos associados a uma prática cultural que definem um conjunto de símbolos que expressam a memória do lugar. Essa relação entre o indivíduo e a paisagem é, portanto, mediatizada por uma rede simbólica cuja materialidade traz também o imaterial, algo visível que mostra o invisível, um gesto que significa um valor.

Por fim, entendemos que o fortalecimento a preservação desses patrimônios se dará pelos incentivos à educação e valorização histórica do município, não apenas por parte dos

moradores, mas também pelas autorizadas políticas do lugar. São ações educativas que farão com que o reconhecimento da importância patrimonial seja passado para as gerações futuras, pois os símbolos históricos construídos nas paisagens de Itapiúna refletem a história, a cultura e os aspectos sociais únicos, ricos de informações.

REFERÊNCIAS

BESERRA, J.R.T. Itans - **Primor do Setecentos nos Sertões - Plano de Requalificação Arquitetônico-Urbanística**. Fortaleza- Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2008 (UFC, (Trabalho de Conclusão de Curso).

BRASIL. E. F. Caio Prado (antiga Cangaty) Município de Itapiúna, CE. [Site]. 2012. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_crato/caio.htm. Acesso em: 21 fev. 2018.

BRASIL. E. F. Itapiúna (antiga Itaúna) Município de Itapiúna, CE. 2015. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_crato/itapiuna.htm. Acesso em: 21 Fev. 2018.

COSGROVE, Denis. Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 92-123

COSTA, Otávio José Lemos. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura** (nº 15) p. 33-40, 2003.

FREITAS, F. E. C. **O moderno e o tradicional na política de Itapiúna: As contingências da política local como contrapontos a ascensão ao poder de lideranças nascidas nos movimentos sociais**. Fortaleza, Ce: Universidade Estadual do Ceará, 2007 (UECE, Dissertação, Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade). Disponível em: http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/francisco_emilio_campelo_freitas%5B1%5D.pdf. Acesso em: 12 jan. 2018.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades, **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, nº 2, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Itapiúna Ceará**. Ceará, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/itapiuna/historico>. Acesso em: 22 jan. 2018.

JACKSON, J. B. **Discovering the Vernacular Landscape**. New Haven: Yale University Press, (1984).

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z., (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 09-28

MALDONATO, M. **A subversão do ser**: identidade, mundo, tempo, espaço fenomenológico de uma mutação. São Paulo. Ed. Peiropólis, 2001.

MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Paraná, v.3, n.1, p. 203-222. 2012.

MENESES, Ulpiano B. de. A Crise da Memória. História , documentos e reflexões para um tempo de transformações. In. ARANTES, A.A. (org.) **Arquivos, Patrimônio, e Memória**. São Paulo: Editora UNESP, 1999

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPIÚNA. **O município**. Ceará. 2018. Disponível em: <http://www.itapiuna.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 12 jan. 2018.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, Lisboa, v. 36 nº 72, p. 37-53. 2001.

SAUER, C. C. A morfologia da Paisagem In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ. (1998 [1925]). p. 12-74

SCHIER, R. A. Trajetórias do Conceito de Paisagem na Geografia. **RA'EGA**, Curitiba, nº 7, p. 79-85. 2003.

SOARES, F.M.; SOUSA, J.L. **Vislumbrando paisagens**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2011.

TUAN. Y. F. **Espaço e Lugar**. A Perspectiva da Experiência. São Paulo. DIFEL, 1983.

Natércia Martins de Sousa - Possui graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará-Uece (2017), Especialista em Geografia: educação ambiental (2018) e Geografia física e das populações (2020). Atualmente é professora de Geografia no município de Itapipoca - Ceará.

Otávio José lemos Costa - Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará-Uece e Coordenador do Laboratório de Estudos em Geografia Cultural-LEGEC.

Recebido para publicação em 01 de julho de 2021.

Aceito para publicação em 11 de agosto de 2021.

Publicado em 19 de agosto de 2021.